



Prémio Literário José Saramago 2013

Fundação Círculo de Leitores

Criada em 1995 com o objetivo de divulgar a cultura escrita e literatura portuguesa, contribuindo para o fomento dos hábitos de leitura e promoção da língua portuguesa. Para além do apoio à edição de grandes obras, e da publicação da revista LER, a fundação criou as Olimpíadas da Leitura, precursoras de conceito do Plano Nacional de Leitura, e o Grande Torneio das Letras em parceria com o *Diário de Notícias*. Em 1999 inicia a atribuição do primeiro grande prémio literário a distinguir jovens escritores de língua portuguesa, o Prémio Literário José Saramago.

A Fundação Círculo de Leitores, ao criar este prémio, criou – espero eu que assim seja – um instrumento mais para a defesa da língua. É que, quando nós falamos na língua, estamos sempre a pensar na nossa língua lá fora. Quer dizer, a difusão, a promoção, os leitorados, os cursos, tudo isso lá fora. Mas há que levar em conta que a língua começa por defender-se cá dentro.

José Saramago

O Prémio

Homenageando a figura do Nobel da Literatura, José Saramago, este prémio foi criado em 1999 pela Fundação Círculo de Leitores. Afirmando-se como um dos mais importantes prémios literários atribuídos no âmbito da lusofonia a autores com obra publicada em português, e com idade não superior a 35 anos, foram distinguidos em anos anteriores nomes como: **Paulo José Miranda, José Luís Peixoto, Adriana Lisboa, Gonçalo M. Tavares, Valter Hugo Mãe, João Tordo e Andréa del Fuego.**

O Prémio Literário José Saramago tem o valor de 25 mil euros.

Prémio Literário José Saramago 2013

A obra distinguida com o Prémio Literário José Saramago 2013

Os transparentes de Ondjaki



Natural de Luanda, onde nasceu no ano de 1977. Ondjaki é o seu nome de escrita, *guerreiro* em Umbundu. Poeta, prosador, visita também a escrita para crianças, o teatro, a pintura, o documentário. Formado em Sociologia, completou o doutoramento em Estudos Africanos em Itália. Distinguido em 2000 com a Menção Honrosa do Prémio António Jacinto pelo seu primeiro livro de poesia (*actu sanguíneo*), em 2005 obtém o Prémio António Paulouro pelo livro de contos *E se amanhã o medo*, e o Grande Prémio APE em 2007 por *Os da minha rua*. Em 2010 recebe o Prémio Jabuti (categoria juvenil) com *AvóDezanove e o segredo do soviético*. Ainda no âmbito juvenil, publica *A bicicleta que tinha bigodes* distinguido com o Prémio Bissaya Barreto 2012 e com o Prémio Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (IBBY do Brasil) 2013. O romance *Os transparentes* é agora distinguido com o Prémio Literário José Saramago 2013.

POESIA: *actu sanguíneo* (2000); *há prendisajens com o xão* (2002); *materiais para a confecção de um espanador de tristezas* (2009); *dentro de mim faz Sul seguido de acto sanguíneo* (2010) CONTOS: *momentos de aqui* (2001); *e se amanhã o medo* (2005) ROMANCE: *bom dia camaradas* (2001); *o assobiador* (2002); *quantas Madrugadas Tem a Noite* (2004); *AvóDezanove e o segredo do soviético* (2008); *Os transparentes* (2012) INFANTIL/JUVENIL: *Ynari: a menina das cinco tranças* (2004); *O leão e o coelho saltitão* (2008); *o voo do Golfinho* (2009); *Ombela, a origem das chuvas* (2011); *a bicicleta que tinha bigodes* (2011); *uma escuridão bonita* (2012) TEATRO: *Os vivos, o morto e o peixe-frito* (2009) DOCUMENTÁRIO: *Oxalá cresçam Pitangas* (2006)



Prémio Literário José Saramago 2013

Sinopse

«Com o presente romance, de novo aparece Luanda - a Luanda atual do pós-guerra, das especificidades do seu regime democrático, do «progresso», dos grandes negócios, do «desenrasca» - como pano de fundo de uma história que é um prodígio da imaginação e um retrato social de uma riqueza surpreendente. Combinando com rara mestria os registos lírico, humorístico e sarcástico, *Os transparentes* dá vida a uma vasta galeria de personagens onde encontramos todos os grupos sociais, intercalando magníficos diálogos com sugestivas descrições da cidade degradada e moderna.»

Excertos da Obra premiada

«Odonato já não tinha força para desenhar nos lábios um gesto mínimo de espanto ou o que fosse um vulgar sorriso, a temperatura chegava-lhe à alma, os olhos ardiam por dentro

Chorar afinal não tinha que ver com lágrimas, antes era o metamorfosear de movimentos internos, a alma tinha paredes – texturas porosas que vozes e memórias podiam alterar...»

«...a verdade é límpida e conhece veredas secretas para chegar ao seu destino»

«Odonato observava as mãos e os alimentos: tudo oferecido ou encontrado nos restos do supermercado onde algum conhecido trabalhava

- agora comemos só aquilo que os outros já não querem – comentou
- é pecado deitar fora comida ainda boa
- é pecado não haver comida para todos...»

«Luanda fervia com a sua gente que vendia, que comprava para vender, que se vendia para ir depois comprar a gente que se vendia sem voltar a conseguir comprar...»



Prémio Literário José Saramago 2013

Testemunhos dos membros do júri

| **Ana Paula Tavares** |

“Quero perder-me
na densidade poética
da nuvem”

Ondjaki

Há cidades assim que moram inteiras num único sítio despido de ruas jardins e árvores de estimação onde se multiplica em cada andar, na escada que não existe, nos canos sem água mas a rebentar de vento e na água à solta pelo chão dos quartos e outras divisões visitadas logo pela manhã pelas mães mais antigas de todos os andares e as crianças dos rés-do-chão do mundo.

A cidade (tinha que ser Luanda) não vive sem os seus transparentes os que atravessam a vida a subir e descer escadas do céu ou de outras complexidades e invisíveis aos olhos de quem detém o poder e ignora os filhos da terra que a fome transforma. Falamos de *Os transparentes* o romance do angolano Ondjaki de escrita vertiginosa, ágil e afeiçoada a cada situação com a mão segura do criador de grande efeito que não descara as situações de grande complexidade e traz à colação a “vida e a vida” de todos quantos nascem, crescem, amam, vivem e morrem na cidade do sol entre os antigos lagos e as estrelas.

O prédio, lugar central do romance, é um lugar de memória do que poderia ter sido o sonho de toda uma sociedade harmoniosa e justa como no princípio dos tempos se pensava, para ser apenas isso a memória alimentada por um quotidiano perverso onde se descobrem e multiplicam todas as maneiras de sobreviver, ganhar dinheiro, ficar “ainda” vivo na escuridão que adensa o labirinto e onde é preciso ter-se sido iniciado para conseguir desenrolar todos os fios da teia imensa que contorna o abismo. O fascínio da cidade descobre-se na fala de todos os que trazem ao prédio e aos seus



Prémio Literário José Saramago 2013

moradores notícias da cidade alta e da baixa e de todas as regiões circunvizinhas. As personagens (moradores do prédio, vizinhos, convidados e tantos outros) trazem as suas histórias para deixar nos diferentes andares e “entre- andares” do prédio que assim se transforma em arquivo dos sonhos dos vivos e dos testamentos dos mortos. Pode assim contar-se a história que Luanda precisava: combinar as sombras com a realidade, tratar todos os tempos (tempo real, tempo mítico, tempo histórico) com a mesma propriedade e estabelecer uma cronologia. A morte “ oficial” da “senhora Ideologia” institui o jogo de planos dissonantes que se cruzam para circunscrever um território um espaço iluminado pelas visões de cada uma das personagens que habita a paisagem social de um país, de uma terra onde se legisla e desconstrói o futuro e se vive o presente envenenado de todos os que não podem ser vistos.

Em trabalhos anteriores Ondjaki vinha afinando formas de dizer a cidade e os seus enigmas, palavras para a luz e a sombra, espaços para o outro lado das coisas, pontos de partida para a reflexão sobre os destinos do mundo e o sentido último da escrita entre a verdade e a coisa dita. Num filme *Oxalá cresçam Pitangas* que realizou com Kiluanji Liberdade Ondjaki anota (caderno de campo, poema) todas as falas dos habitantes de Luanda e a sua reflexão sobre a essência das coisas. Faltava um livro onde a própria cidade mostrasse, com o pudor e a delicadeza das meninas antigas, o seu próprio ventre, tudo o que se faz e se destrói a verdade e o seu avesso. Faltava o romance que pudesse ser lido como as camadas sobrepostas e lentamente sedimentadas pelo tempo que a terra nos oferece para viver e morrer. Com *Os transparentes* o escritor angolano cumpre o que há muito se anunciava: a construção de um grande livro fiel a linhagens literárias mais antigas e que pode ler-se na travessia das linguagens de cada um. A língua portuguesa ganha o tom, liga todas as mensagens, renova-se sem concessões e aparece fresca e milagrosa como as águas à solta do rés-do-chão do lugar central do romance. No livro celebra-se o repositório de todos os acontecimentos da cidade sitiada e livre, no espaço de palco aprisionado e, no entanto, onde a noção de limite não existe pelo menos nos dias que precedem a purificação pelo fogo.



Prémio Literário José Saramago 2013

| **Manuel Frias Martins** |

Trata-se de um romance que resulta de ou se estrutura por uma série de retratos sucessivos de habitantes, sobretudo os mais pobres, de Luanda e dos contextos da vida social que os caracteriza. A vida numa cidade marcada pela degradação das condições materiais e pelas inúmeras dificuldades que marcam um quotidiano sem horizonte. A ideologia feneceu e sobrevive-se na dura realidade da corrupção e do salve-se quem puder. A política serve sobretudo os políticos e a população assiste a uma festa de riquezas, designadamente a que foi trazida pelo petróleo, para a qual nunca será convidada. É por isso um livro político, sem dúvida, de um autor desencantado com a classe dirigente angolana, mas continuamente fascinado pelo homem da rua, o homem e a mulher que conseguem manter as alegrias do viver com pouco; sobretudo é um romance de um autor fascinado pelos eventos do dia a dia luandense repleto de dramaticidade e comicidade.

Este é um livro de maturidade do autor. O seu encanto pela infância continua presente, mas já estamos no registo adulto do olhar crítico e mordaz que é lançado sobre o tempo, a História e as respetivas legitimações políticas. A ironia e o humor continuam a caracterizar a escrita de Ondjaki, tornando a leitura de *Os transparentes* muito fluida e agradável, sobretudo quando o romance obriga o leitor a se confrontar com uma criolização mais radical e criativa da língua portuguesa.



Prémio Literário José Saramago 2013

| **Maria de Santa Cruz** |

Romance experimental, de original e criativa estruturação que se espelha, em *mise en abîme*, na narração, convocando os mais diversos tipos de discurso – da escrita já característica de Ondjaki ao mais burocrático fragmento da ridicularizada política, passando pela oralidade *luuandina*, pelas anedotas de caluandas lembrando Pepetela, os assertivos *sim camarada* de Manuel Rui, a estória tradicional ao jeito de Uanhenga Xitu (como a da grande erupção da fala da Avó Umbundo, Aquela-que- não-dança, a Mulher atravessando todas as guerras até dançar de tristeza); das expressões mais brasileiras à importação crescente de anglicismos, a oratória das novas seitas religiosas e das máfias de variadas proveniências, enfim, a ressonância quase ensurdecadora de ritmos díspares que acompanha o progresso-relâmpago da Capital moderna.

O Prédio de seis andares para implosão, já em derrocada, é o micro-cosmos d'*Os transparentes*, de toda a *transparência*, onde se sobrevive e convive em solidariedade, onde se congregam todos os tipos sociais, do Carteiro ao Ministro, e se preserva a cultura, onde convergem todas as figuras da ironia, o estranho e o maravilhoso de infância e banda desenhada, um mundo de personagens-tipo individualizadas, de estórias adulteradas ou a adulterar pelo fantástico risível e a superstição, onde sobressai o poder transformador da herança matriarcal. Experimentação de géneros, reservando-se o lirismo e o romantismo aos separadores do Vendedor de Conchas, lazarillo do velho Cego com quem trocou de funções. O *caos* aparente deste percurso textual está de acordo com o *cosmos* observado, equilíbrio inaudito do contraditório, na competição diacrónica do passado recente/futuro, da tradição e do imparável progresso, em que não é de desprezar o olhar distante mas atento do crítico A. que mal disfarça a empatia com o objeto-Luanda e a alegria de encontrar na inundação e intempérie o elemento que apagará o incêndio, castigo judaico-cristão da ambição humana e do grande ciúme da Palavra própria.



Prémio Literário José Saramago 2013

| **Nazaré Gomes dos Santos** |

Com a publicação de *Os transparentes*, este jovem e promissor escritor angolano surpreende os seus leitores (que já são muitos) pela maneira como continua a investir num projecto literário multifacetado, no qual, além do investimento das estratégias irónicas e do humor corrosivo, se evidencia também uma ostensiva contaminação da prosa com a poesia. Continuando a apostar no humor e no prazer de contar histórias, este novo romance, de construção discursiva mais complexa, confirma a maturidade estético-formal de Ondjaki, inscreve a ficção do autor na linhagem dos grandes contadores de história de cepa popular.

Repleta de cores, cheiros e sabores da infância, a trama de *Os Transparentes* desenvolve-se num prédio (“esboroadado e degradado”), situado no centro de Luanda. Mas nesta Luanda revisitada, no contexto da “nova paz” e das “construções desenfreadas”, também se evidencia uma voz autoral que denuncia a decadência física e moral, as mazelas sociais, “as falcatruas” económicas e políticas dos novos tempos, a opressão dos fortes contra os mais fracos, as subtis formas de poder, tendo como pano de fundo a ideia de falência das ideologias. A narrativa centra-se, sobretudo, na história de Odonato, um pai que anda em busca do corpo de um filho, em busca de um país para sempre perdido – uma “Luanda de antigamente.” É através da sua comovente e estranha história, das várias pistas deixadas ao longo do texto (“*os pobres não emagrecem, ficam transparentes*” [...] *a transparência é um símbolo. Um homem pode ser um povo, sua imagem pode ser a do povo*), que o leitor vai construindo o verdadeiro significado do que é ser ou ficar “transparente”, evidenciando-se a dimensão alegórica do próprio título do livro.

Mas apesar da intensa crítica social ainda há espaço para o registo poético de cariz melancólico: *serei feliz quando as lágrimas regressarem de verdade. Estou cansado de falsas sensações. [...] os olhos de Odonato já não sabiam chorar como antigamente*



Prémio Literário José Saramago 2013

[...] e agora sim, a garganta podia orquestrar um choro e os olhos, ai tempo de molhada meninice!, os olhos podiam então chorar (p.72-73).

Além da luminosa invenção da linguagem enraizada numa tradição popular autêntica e fascinante, enriquecem ainda este romance os jogos intertextuais, as relações dialógicas que o autor estabelece com textos e figuras das culturas e das literaturas brasileira, portuguesa e africana, a intensa contaminação discursiva, que se dá em todos os níveis da narrativa. Reinventando a língua portuguesa, estabelecendo relações de afectos textuais, este livro, cheio de cores e sonoridade (em função da mistura de registos linguísticos), confirma o que já disse o próprio escritor num outro contexto: “uma língua grávida pode parir culturas, cores novas e contornos imprevistos em pessoas humanas.



Prémio Literário José Saramago 2013

| **Nélida Piñon** |

Os lamentos de Luanda

O romance *Os transparentes*, de Ondjaki, traz-nos a voz da África. A arte da África. Aviva os lamentos de Luanda e do mundo. No seu curso narrativo, o autor empurra para a minha consciência o terror que o poder inspira e a desconfiança quanto às ações humanas. Mostra-nos que a literatura, além de uma dimensão estética, de sua voracidade ficcional, faz-se de uma verdade que não burla, que diz respeito a cada leitor.

O romance me doeu, mas sucumbi à sua contundente beleza. Um texto que não tenho como apagar da memória. A malignidade, que dele emana, explica a perda da inocência. Reforça-me a certeza de não ser Luanda a única pólis a merecer condenação. Somos nós, em conjunto, que pecamos.

Contudo, há personagens que redimem a espécie, são heróicos em sua modéstia. Exemplo é Odonato, Xilibaba, o casal que conheceu o amor. Certas frases que surgem tocadas pela graça, evidenciam crença em um humanismo admirável, posto à prova. Quantos destes seres que mal comem, mal vivem, resistem, desfrutam de uma esperança que advém do coração. Ainda dividem entre eles pão, peixe, cerveja, como dolorida eucaristia.

Sinto-me mal pelo mal que habita Luanda, do Ondjaki, que é uma metáfora da crueldade oriunda da corrupção, tão endêmica que se torna a moral da cidade, ou do país.

O romance assusta em quem acredita no valor do verbo, revestido de visão poética. De um criador cujo criação impregna-nos com uma verdade narrativa que, afinal, eu não pedira. Não tendo eu agora como apagar os vestígios dos seus horrores, da compaixão das suas criaturas, da gente humilde cercada daqueles que impregnam a cidade com o sentimento da desmedida, aplicada à corrupção, ao cinismo, à impunidade, à indiferença.



Prémio Literário José Saramago 2013

Os transparentes não é um romance mimético, que copia sem transfigurar. Há, nas entrelinhas, piedade, cuidados, compaixão. Enquanto usa recursos quase carnavalescos, burlescos, engraçados, como se nos quisesse fazer crer que tal narrativa é provisória, não diz respeito a uma realidade injusta. Tudo poderá ser corrigido pela falange do bem, a favor dos homens. Só que, enquanto se acerca ao desfecho, a vida é vendida por pouco, até já não ter mais o que vender. Restam frangalhos humanos.

Os transparentes é um comovente afresco. Imita uma cárcere de cujos tentáculos não se tem como escapar. E pergunto-me, como este jovem autor se atreve a transformar a Luanda bela, a Luanda sonhada, na sucursal do inferno? Onde todos, cercados pelo fogo, pela fumaça e pela escuridão, se vêem, incrédulos, captados pelo pincel de um Bosch africano. Diante da iminência da morte, após a vida lhes haver mutilado a alma, a lhes faltar agora ceder a totalidade do corpo. Já não lhes importando saber quem, nesta perturbadora narrativa, comprará os esqueletos que acaso sobrem.

O romance *Os transparentes* é uma brilhante alegoria... Sua leitura é um alerta. Deixa rastros de uma alegria que não é fácil digerir diante do talento de Ondjaki. Deste Ondjaki que, vindo d' África, merece percorrer o mundo, que é o seu lugar.

Sem dúvidas, o júri lhe outorga o Prémio José Saramago 2013.



Prémio Literário José Saramago 2013

| Pilar del Rio |

Ao lermos *Os transparentes* temos a sensação de estar a ler uma literatura inaugural. Sabemos que não é assim, que Angola tem grandes escritores e que muitos fazem do português em África um idioma sólido, versátil e belo, e que também Ondjaki faz parte de uma poderosa constelação que irá, sem dúvida, iluminar noites e dias. *Os transparentes* surge como o primeiro dia da criação, tal é a sua força e lucidez. Este romance, mágico e misteriosa, é cruzado por uma aparente ingenuidade, talvez a única maneira de descrever o país que se ama e contar um certo estado de coisas que não se pode deixar de notar, por causa desse mesmo amor. *Os transparentes* é um livro de Angola, sobre esta Angola e a sua forma de estar no mundo. E é, por certo, literatura.



Prémio Literário José Saramago 2013

| **Vasco Graça Moura** |

Surpreende-me, neste romance de Ondjaki, a maneira como a sua utilização da língua portuguesa é, não só capaz de captar com a maior naturalidade as mais diversas situações num contexto social tão diferente do nosso, mas comporta em si mesma fermentos de uma inovação que espelha com força e realismo um quotidiano vivido na sua trepidação e também funciona eficazmente ao restituí-lo no plano literário. É essa uma das vias possíveis da nossa língua na sua variante angolana.